



FORMAÇÃO DE DOCENTES DE ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS (ELiS)

BENASSI, Claudio Alves¹ (UFMT)

INTRODUÇÃO

A ideia de se grafar as Línguas de sinais (LS), não é recente. O primeiro sistema de Escrita de língua de sinais (ELS) foi desenvolvido por Roch-Ambroise Auguste Bébien (1789-1839). Educador francês que acreditava que uma escrita poderia ajudar no desenvolvimento cognitivo do sujeito visual. Morreu antes de concluir sua *Écrire les signe* ou notação *Mimographie*, segundo Madson Barreto e Raquel Barreto (2012) e Marianne Stumpf (2011). Posteriormente, outros educadores e pesquisadores das LS, desenvolveram outros sistemas de ELS (BARRETO; BARRETO, 2012).

O *Sign Wrintig* (SW) criado por Valerie Sutton é o sistema de ELS mais usado no mundo. Esse, também é usado no Brasil, no entanto, não se fixa por se configurar como um sistema de ELS denso e pesado devido ao grande número de caracteres e o exacerbado detalhamento da escrita. Existem ainda dois outros sistemas de ELS correntes no Brasil, o Sistema de escrita de língua de sinais (SEL), criada pela professora Adriana Lessa-de-Oliveira (UESB) e a Escrita das línguas de sinais (ELiS) criada pela professora Mariângela Estelita de Barros (UFG) (BENASSI, DUARTE; PADILHA, 2015, p. 40,41). A ELiS será objeto de estudo nesse trabalho.

Apesar de que os visuais rejeitem veementemente a cultura da escrita (tanto a escrita da segunda língua [Português] quanto a da primeira língua [ELS]), por diversos fatores, dentre eles, o desconhecimento a respeito da ELS por parte dos profissionais do ensino que atuam junto ao alunado visual, vários estudos mostram que a alfabetização do aluno visual em ELS contribui para o desenvolvimento cognitivo abstrato do mesmo e para a aquisição de outras línguas escritas (BARRETO; BARRETO, 2012).

No entanto, a efetivação da alfabetização em ELS (ensino-aprendizagem de escrita e leitura da Libras), depende em primeira instância da efetuação do ensino-aprendizagem de Libras e, posteriormente, da formação de profissionais fluentes na escrita e na leitura da ELS. Além disso, é necessário que se inicie uma reflexão a respeito da formação desse profissional, desenvolvimento de metodologias, didáticas e recursos para o ensino-aprendizagem de ELS, bem como, a respeito do espaço escolar onde se pratique esse processo de ensino-aprendizagem.

¹ Professor da Coordenação de Letras-Libras. Universidade Federal de Mato Grosso. Editor gerente Revista Diálogos. Cuiabá. professorcaobenassi@codimus.net



OBJETIVO

1. Discutir brevemente a implementação da formação do professor de ELS, ensino-aprendizagem de ELS e espaço escolar para o ensino-aprendizagem de ELS;
2. Apresentar protótipos de jogos didáticos para o ensino-aprendizagem de ELS.

METOLOGIA

Esse trabalho se propõe a iniciar uma discussão a respeito do ensino-aprendizagem de ELS no espaço escolar. Assim sendo, farei uma breve discussão a luz de pesquisas por mim selecionadas para responder os seguintes questionamentos: 1) qual é a formação necessária para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de ELS? 2) Importância do ensino-aprendizagem de ELS para o sujeito visual? 3) em qual espaço escolar deve acontecer o ensino-aprendizagem de ELS? Além disso, apresentarei alguns protótipos de jogos didáticos para o ensino-aprendizagem de ELS, mais especificamente, para a prática da Leitura de ELS. Descreverei o objetivo do jogo e a maneira de jogar.

FUNDAMENTAÇÃO BASILAR

Esse trabalho tem fundamentação nos livros “Escrita de sinais sem mistério” (BARRETO; BARRETO, 2012) e “Escrita de Língua brasileira de sinais” (STUMPF, 2011), e nos artigos “*Poiesis* da Libras e da Escrita das línguas de sinais (ELiS): a utilização da visualidade da língua e da ELiS na poética de Duarte” (BENASSI; DUARTE; PADILHA, 2015) e “A escrita da língua de sinais na escola inclusiva através do AEE” de autoria de Erika Vanessa de Lima Silva (2013).

DESENVOLVIMENTO

Para iniciar essa reflexão, convém primeiramente refletir a respeito da formação do profissional do ensino que será responsável pelo ensino-aprendizagem da ELS. Segundo o Decreto 5.626² de 22 de dezembro de 2005, que dispõe em seu artigo 5º que a “formação de docentes para o ensino de Libras, tanto na educação infantil quanto nas séries iniciais do ensino fundamental (de 1 a 4) deve ser dar em curso superior de

² disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Consulta em 25 de mar. 2013.



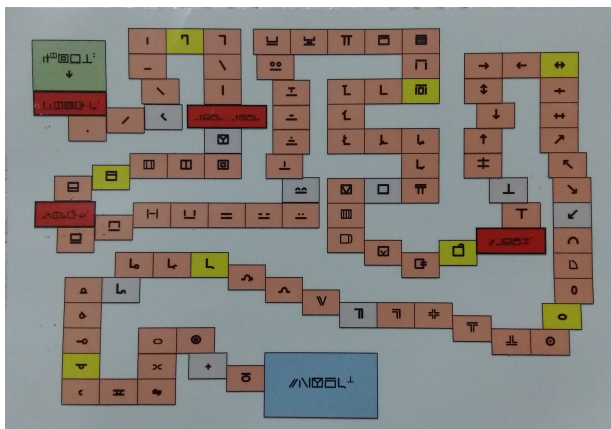
Pedagogia ou normal superior, tendo como línguas de instrução Libras e Língua Portuguesa, ou seja, cursos bilíngues”.

Mediante o exposto na legislação federal, a formação do professor inicial de Libras deve ser de Pedagogia bilíngue. Obviamente, esse docente atuará na alfabetização bilíngue da criança visual. Por alfabetização, entende-se o ensino-aprendizagem de ELS, que deve ser uma dentre as múltiplas facetas da formação no curso de Pedagogia bilíngue. Essa formação, além de enfatizar o uso fluente da Libras e da Língua Portuguesa, deve contemplar o desenvolvimento da fluência da escrita e leitura da ELS. Formar profissionais com tais habilidades, fomentará a transformação da educação que ora se proporciona ao sujeito visual, que segundo Stumpf (2011), possui inúmeras lacunas cognitivas, causadas pela ausência de um instrumento de troca simbólica, ou seja, não alfabetização em ELS da criança visual.

Dentre os muitos benefícios elencados por Barreto e Barreto (2012, p. 49), está o fato da ELS contribuir para uma comunicação escrita fluente pelo visual; aumento do status social da Libras, pois o visual mostra que tem uma escrita própria e ainda pela versatilidade da escrita que pode ser usada desde a produção de um bilhete a um livro, transitando livremente entre uma escrita informal e trivial do dia a dia a escrita formal e acadêmica. Afirma Stumpf (2011) que a ELS contribui para o amplo desenvolvimento cognitivo abstrato do sujeito visual e também para a aquisição de outras línguas escritas.

Na escola inclusiva, em qual espaço poderia atuar o pedagogo bilíngue desenvolvendo a ELS. Segundo Silva (2013), o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na escola inclusiva, deve se dar em três frentes, baseando-se nas teorias pertinentes. A primeira seria para o ensino-aprendizagem de Libras ao sujeito visual; a segunda para o ensino-aprendizagem em Libras (compreendo reforço escolar) e a terceira para o ensino-aprendizagem de Português escrito.

A pesquisadora vai além da proposição teórica e inova, adicionando mais um momento pedagógico ao AEE “tradicional”. A quarta frente pedagógica do AEE, seria segundo a autora, dedicado ao ensino-aprendizagem da ELS, compreendendo uma ampla alfabetização (desenvolvimento da escrita e da leitura) em ELS, diferentemente do momento pedagógico para o ensino de Libras, que pressupõe o letramento em Libras. Os materiais para esse atendimento deverá ser produzido pelo docente que atuará no AEE. Segue abaixo algumas sugestões elaboradas por mim para o desenvolvimento da habilidade da leitura da ELiS em três níveis diferentes: 1) básico; 2) intermediário; 3) avançado.



1) Corrida maluca. Objetivo: leitura dos signos fonéticos escritos.

Consiste em um tabuleiro em que estão escrito todos os caracteres da ELiS. O aluno joga um dado e o número sorteado corresponde ao número de casas que pode avançar. Mas só poderá avançar se conseguir ler o símbolo, se não conseguir volta

uma casa. Se o número corresponder a uma casa vermelha, o jogador é penalizado e volta ao início. Já a casa cinza, penaliza o jogador que deverá passar a vez. A casa amarela é bonificadora. Se o jogador conseguir ler o visografema escrito, poderá avançar duas casas, se ler a casa seguinte, avançar mais uma, se não conseguir, fica na casa amarela. Vence o jogador que chegar ao final primeiro.

2) Dominó. Objetivo: associação do signo escrito com a imagem visual.

Esse jogo consiste num dominó com imagens que são apresentadas em suas peças. Ao lado das imagens, os sinais das mesmas escritos em ELiS. O jogador deve antes de jogar (combinar) a peça no tabuleiro, ler os sinais escritos. Caso o jogador não consiga ler passa a vez. Já se ler o sinal errado, deverá ficar uma rodada sem jogar. Vence o jogador que eliminar todas as suas peças. Caso os jogadores não



tenham peças que combinem para continuarem jogando, poderão virar a última peça jogada de uma lado para outro. Se ainda persistir a impossibilidade de continuar o jogo, vencerá o jogador que tiver menos peças na mão. Caso haja empate, os jogadores deverão contar os pontos da seguinte forma: a peça carro vale 12; a peça casa vale 6; a peça gato vale 4; a peça cachorro vale 3; a peça menina vale 2,4; a peça menino vale 2.

3) Baralho. Objetivo: leitura de sintagmas complexos. Consiste num baralho em que as cartas possuem sinais escritos em ELiS. Os jogadores estabelecem o tipo de jogo a ser



jogado com as cartas. O jogador vencerá o jogo de acordo com as regras pertinentes a modalidade escolhida, mediante a leitura de todos os sinais escritos nas cartas que possuir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho trouxe “à baila” uma importante discussão a respeito da formação de professores fluentes na escrita e na leitura da ELS, bem como, aponta para a necessidade da criação de cursos de Pedagogia bilíngue para a formação de docentes com tais habilidades. Refletiu ainda a respeito do lócus de atuação desse profissional e ainda apresentou protótipos de jogos didáticos para a prática da leitura da ELS, evidenciando a pertinência dos estudos aqui desvelados.

Vale a pena ressaltar que em nosso Estado existe somente um curso de formação de professores de Libras (Letras-Libras) na UFMT, que forma docentes para atuarem no ensino de Língua brasileira de sinais (Libras), mas não atende a demanda aqui levantada. Esse trabalho é embrionário, portanto, não está fechado. Cabe não somente a nós profissionais do ensino de Libras, como também aos profissionais da alfabetização levantar e aprofundar essa discussão.

REFERÊNCIAS

1. BARRETO, M., BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2012.
2. BENASSI, C., DUARTE, A., PADILHA, S. *Poiesis da libras e da escrita das línguas de sinais (ELiS): A utilização da visualidade da língua e da ELiS na poética de Duarte*. **Revista Diálogos**, Cuiabá, 3, fev. 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/revdia/article/view/3368/2365>>. Acesso em: 10 Abr. 2016.
3. SILVA, E. V de L. A escrita da língua de sinais na escola inclusiva através do AEE. **VIII Encontro da Associação brasileira de pesquisadores em educação especial**. Londrina: nov. 2013. Disponível em http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/A_T01-2013/AT01-083.pdf. Consulta em 15 de mar. 2014.
4. STUMPF, M. **Escrita da língua brasileira de sinais**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.